
As mulheres de Cachoeirinha: família, produção e gênero numa comunidade rural do Sul mineiro

Maria Angélica M. de Moura Silva¹
Áureo Eduardo M. Ribeiro²

Resumo

O trabalho analisou as relações sociais de gênero e a valorização diferenciada do trabalho realizado por mulheres e homens na agricultura familiar mineira. A metodologia da pesquisa baseou-se em uma abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso na comunidade da Cachoeirinha, localizada a 8 km da cidade de Lavras, MG. Cachoeirinha é composta por agricultores familiares que combinam atividades agrícolas e não agrícolas. As mulheres dedicam-se a trabalhos relacionados com a casa, agricultura, horticultura e pequenos animais. Elas reconhecem suas atividades domésticas como trabalho que não gera renda e como parte das obrigações femininas. Sua subordinação à família, marido/filhos é explícita. Nessa comunidade rural, o poder patriarcal se sobressai, restringindo e subordinando a participação das mulheres.

Palavras-chave: agricultura familiar, trabalho feminino, relações de gênero.

Women from Cachoeirinha: family, production and gender in a community of Southern Minas Gerais

Abstract

This work analyzes the social relationships of gender, the differentiated valorization of the work accomplished by men and women in Minas' family farming. The methodology of the research was based on a qualitative approach through the case study in Cachoeirinha community, situated 8 km away from the town of Lavras-MG. Cachoeirinha is mainly inhabited by family-farmers who combine agricultural and non-agricultural business together. Women dedicate themselves household chores, farming, kitchen gardening and small animals. They reckon their household tasks as non profit- generating labor and as part of the female duties. Their subordination to family, husbands/children is explicit. In that rural community, patriarchal power stands out, restricting and subordinating women's participation.

Key words: family farming, female work, gender relationships

¹ Extraído da dissertação do primeiro autor para a obtenção do título de Mestre em Administração no DAE/UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFPA), Caixa Postal 37-3720-000 - Lavras-MG. *Organizações Rurais e Agroindustriais – V.0 – n.2 – Julho/dezembro 2004* 23

² Economista, Ds, Prof. Adjunto – DAE/UFPA – LAVRAS-MG. E-mail: eduardo@ribeiros.net

1 Introdução

A agricultura familiar é um tema que vem sendo objeto de estudo de pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento - historiadores, antropólogos, economistas e sociólogos – mostrando como essa relação de produção rural veio sofrendo alterações importantes devido à expansão capitalista na agricultura, principalmente nos últimos anos. A literatura também traz à tona a invisibilidade das contribuições econômicas das mulheres rurais, seu caráter auxiliar e evidencia como laços familiares tornam-se mecanismos de reprodução hierárquica e de submissão entre os membros da família, principalmente as mulheres.

As atividades femininas na agricultura familiar sempre foram subestimadas. Pelo fato de as mulheres, nas atribuições de gênero, serem as responsáveis pela reprodução social do grupo, as atividades produtivas desenvolvidas por elas são consideradas como parte das tarefas atribuídas ao papel de mãe e esposa, consideradas “ajuda” e “complementares” àquelas desenvolvidas pelos homens.

A importância econômica das atividades produtivas das mulheres raramente é computada nas estatísticas; existe uma grande diferença na participação de cada um dos sexos, deixando clara a desvalorização do trabalho das mulheres. Uma pesquisa realizada pela Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais da CONTAG contribui para uma noção da sua dimensão. Segundo dados desta pesquisa, as mulheres respondem por 40% da força de trabalho rural e enfrentam, em média, jornadas de trabalho de 15 a 18 horas/dia e cerca de 40% das mulheres ocupadas no meio rural são trabalhadoras familiares sem remuneração. Na agricultura familiar elas representam 36,2% das pessoas ocupadas (Abramovay & Silva, 2000).

O presente artigo é resultado de estudo de caso realizado na comunidade da Cachoeirinha, localizada a 8 km da cidade de Lavras, região sul de Minas Gerais. Tem por objetivo analisar as relações de gênero na agricultura familiar e a valorização diferenciada do trabalho de mulheres e homens, que se explica pela existência de uma hierarquia entre os sexos, e tem como base material a divisão sexual do trabalho.

2 Referencial teórico: a mulher na agricultura familiar

Não existe um consenso entre os estudiosos da questão agrária a respeito deste termo, mas agricultura familiar é aquela que tem como base social a família. Chayanov (1974) percebeu a agricultura familiar como aquela que não contrata força de trabalho exterior, que detém a posse de uma certa extensão de terra e seus próprios meios de produção e que, às vezes, se vê obrigada, para sua continuação, a empregar parte de sua força de trabalho em outras atividades externas à propriedade. O agricultor familiar se constitui, essencialmente, em um proprietário que trabalha conjuntamente com a família; está restrito à família, à propriedade e à direção dos meios para produzir.

É a partir do estudo da família e da produção que o trabalho será organizado, com a intenção de verificar as distinções entre tarefas masculinas e femininas no meio rural, examinar as relações de gênero na família e na produção, levando em conta a conceituação de gênero como uma interpretação cultural das diferenças biológicas entre homens e mulheres.

A ideologia da agricultura familiar entende que o chefe da família (o pai) é a pessoa que possui as condições ideais para participar de todo o processo de trabalho e, na ausência do pai, o filho ou outro membro da família maior de idade, não sendo do sexo feminino, estará habilitado para assumir o seu lugar (Woortmann & Woortmann, 1997).

O trabalho da mulher em várias fases da produção é visto como “ajuda”. Herédia (1979), em um estudo realizado na região nordestina, mostra que, mesmo quando o homem estava doente, impossibilitado de realizar seu trabalho na lavoura, e este era desenvolvido pela mulher,

mesmo assim esse trabalho era contabilizado como do homem; a mulher prestara apenas uma "ajuda". Esta parece ser uma questão presente em muitos outros grupos estudados.

Não se pode entender a agricultura familiar sem perceber as relações de gênero em seu interior e procurar entendê-las melhor, definindo suas características, como tamanho, produção, presença ou não de empregados ou como função social com potencial para reduzir o êxodo rural (Nobre, 1980). Não se pode entender a agricultura familiar sem perceber que este é um trabalho realizado por gente e que essas pessoas têm formas diferentes de perceber a vida, anseios diferentes e sonhos diferentes. Nem sempre o que é bom para o chefe da família (pai, marido) é do interesse de todos (mulheres, filhas e filhos).

Um enfoque de gênero na agricultura parte da premissa de que a divisão de trabalho e as relações entre homens e mulheres não são construídas a partir de suas características biológicas, e sim são um produto social que legitima as relações de poder em determinadas direções e, como tal, um processo histórico e transformável (Campillo, 1993). As relações de gênero são sustentadas e estruturadas por uma rígida divisão sexual do trabalho. Ao homem cabe a responsabilidade pela subsistência econômica da família e a isso corresponde designar o trabalho do homem na produção. O trabalho doméstico designa as mulheres para a reprodução, ou seja, ter filhos, criá-los, cuidar da sobrevivência do grupo (Faria & Nobre, 1997).

O sustento da família é obtido por meio do trabalho de seus membros, homens, mulheres e crianças, referente à produção dentro e fora do lar. Assim, a terra obtida por herança, comprada ou cedida, é considerada como o lugar da produção agrícola, liderada pelo pai, "ajudado" pela mulher e pelos filhos. A casa é o espaço do consumo e das produções doméstica e caseira, centradas na dona de casa e que, normalmente, são consideradas como "não trabalho" pelo fato de não envolverem produção de bens nem transação monetária.

Muitas vezes, o dinheiro é obtido por meio da venda de produção caseira e da realização de outras atividades fora da unidade de produção familiar, para a compra de produtos que não conseguem no roçado, tais como utensílios de cozinha, roupas, entre outros. Mesmo assim, as atividades femininas têm sido consideradas como economicamente invisíveis, o que subestima a contribuição das mulheres na família e na sociedade.

3 Metodologia

Para analisar as relações sociais de gênero no meio rural e a valorização diferenciada do trabalho de mulheres e homens, que gera hierarquia entre os gêneros, foi realizado um estudo na comunidade da Cachoeirinha, que fica a 8 quilômetros da sede do município de Lavras, onde residem cerca de 40 famílias compostas por agricultores familiares.

Partindo de uma perspectiva qualitativa, a pesquisa utilizou o estudo de caso que, segundo Godoy (1995), caracteriza-se como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente e visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular e tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real.

A família foi a unidade de estudo considerada nesta pesquisa e as famílias encontradas na comunidade pesquisada são aquelas compostas de marido, esposa, filhos, avós e irmãos, todos morando na mesma unidade familiar de produção, mas ocupando habitação separadas e economicamente independentes, subsistindo do trabalho ou da ocupação do marido e da esposa. É na família que se tomam as decisões sobre trabalho, produção, consumo e despesas; existe divisão de trabalho baseada no sexo e o casamento é uma instituição socialmente reconhecida.

Para o trabalho de campo, foram realizadas entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com 31 mulheres rurais e dez homens, com roteiros preelaborados, além de observações "in loco" e anotações no caderno de campo.

As mulheres da comunidade trabalham de empregadas domésticas em outras unidades familiares e na colheita do café, mas a maioria delas trabalha nas atividades domésticas, além de serem mães e esposas. Elas reconhecem suas atividades domésticas como trabalho e como obrigação de esposa, mãe e dona de casa, consideram-se dependentes de seus maridos e os consideram como os responsáveis pela administração familiar e pelo sustento da família.

Realizou-se pesquisa de campo em duas etapas. Na primeira aplicaram-se questionários estruturados e semi-estruturados às 31 agricultoras da comunidade, por meio dos quais procurou-se obter conhecimentos mais gerais da comunidade e da família das entrevistadas, como rotinas de trabalho de todos os membros da família. Na segunda etapa foram feitas entrevistas semi-estruturadas, numa amostra estratificada aleatória, com 15 mulheres escolhidas por idade, escolaridade, tamanho da terra e da família. Buscou-se mais conhecimento a respeito da família e de trabalhos desenvolvidos por mulheres. Nesta etapa, levando em consideração que o estudo diz respeito às relações de gênero na agricultura familiar, e gênero é relacional, entrevistaram-se também 10 homens.

3.1 Cachoeirinha

A comunidade da Cachoeirinha localiza-se a 8 quilômetros da cidade de Lavras e fica próxima a outras comunidades, chamadas Registro, Paiol e Ponte do Funil. O lugar tem uma bonita paisagem e a topografia é acidentada. A estrada que dá acesso a Cachoeirinha é bem conservada, o que facilita o deslocamento dos moradores com frequência até a cidade.

As unidades familiares produzem, para o consumo próprio, produtos como o milho, o feijão e a mandioca; produzem hortaliças para comercializar e a produção é bastante variada, predominando cebolinha, alface, couve e tomate. Além das hortaliças, comercializam-se também leite, cachaça, queijos, galinhas, ovos e milho. As unidades familiares caracterizam-se pela produção do leite, o trabalho dos agricultores fora da unidade familiar e a renda das aposentadorias.

As residências são construídas em alvenaria, com três a quatro cômodos, todas possuem água encanada e energia elétrica. A energia elétrica trouxe mudanças de hábitos nas residências daqueles que possuem televisão e geladeira. Agora dorme-se mais tarde e não se conversa com os vizinhos como antes. A geladeira veio facilitar a vida daquelas famílias que a possuem.

3.2 As famílias

A família foi a unidade de estudo considerada nesta pesquisa e as que foram encontradas na comunidade pesquisada, que totalizam 31, são aquelas compostas de marido, esposa e filhos. O total de pessoas entrevistadas soma 41, sendo 31 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Elas têm sua base fundamentada no padrão de família patriarcal, que tem como princípio a autoridade do pai e a do homem sobre a mulher. Ela também possui características da família nuclear pelo fato de a unidade familiar ser considerada uma unidade de consumo em função de seus membros venderem sua força de trabalho.

O sentimento fraterno encontrado na comunidade da Cachoeirinha não contaminou as relações de poder na família. O princípio derivado do patriarcalismo, de as decisões na família ficarem a cargo do homem, é uma característica baseada nas relações tradicionais de gênero, em que a mulher é inferior e o homem tem mais poder. Esse perfil vem sendo mantido e tem perpassado vários sistemas familiares, particularmente na sociedade rural. Nas famílias pesquisadas, por exemplo, o poder de decisão no âmbito doméstico e fora dele é sempre do sexo masculino.

Embora confirme-se a tendência de crescimento da proporção de famílias compostas por mulheres sem cônjuge com filhos, segundos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2001), esse tipo de família não foi encontrado na Cachoeirinha, nem de mulheres com filhos, nem de solteiras sem filhos. O número de filhos totalizou 103, com média de 3,3 filhos por mulher, ficando acima do dobro da média nacional, que é de 1,6 filho/mulher, segundo dados do IBGE (2001). Os filhos mais velhos migraram, os filhos que ficaram no domicílio são crianças, adolescentes jovens e uma minoria de adultos.

A maioria das mulheres da Cachoeirinha sempre foi produtora rural, logo, participam da esfera “produtiva”, geram renda e estão no espaço público. Elas são pessoas nascidas no próprio lugar e que sempre moraram ali.

3.3 Trabalho

Ao se perguntar às mulheres sobre sua profissão, a maioria se definiu como “dona de casa” e algumas como “do lar”. Para elas não existe diferença, os dois querem dizer a mesma coisa: aquela mulher que só cuida dos afazeres domésticos.

Para as mulheres entrevistadas, todas as atividades desenvolvidas dentro e fora da unidade familiar são consideradas trabalho. Só que o trabalho remunerado, no seu entendimento, é considerado emprego, que é aquele trabalho feito fora do seu espaço doméstico e gera algum tipo de renda.

“Trabalho é qualquer serviço que eu faça. É trabalho. Não é só quem é empregado que trabalha não; lavar roupa é trabalho, fazer comida é trabalho, arrumar a casa é trabalho. O que não dá é ficar com a mente desocupada, isso não é trabalho” (M.T.J, mulher, 60 anos).

Considerar como trabalho as inúmeras atividades desenvolvidas pelas mulheres no âmbito doméstico e nos quintais e seus arredores é uma forma de torná-las mais visíveis e mais valorizadas. O trabalho remunerado é considerado por todas as mulheres entrevistadas de fundamental importância, pois, nos dias de hoje, em que a vida está difícil e muita coisa se compra, o acesso da mulher a algum tipo de renda própria deveria torná-la mais independente do marido e mais participante nas decisões que envolvem o grupo doméstico e a sociedade como um todo. Apesar de se notarem mudanças, expressas pelas mulheres estudadas, muitas ainda não reconhecem sua contribuição, tendendo a perpetuar sua subordinação.

Elas lamentam por não conseguirem trabalho remunerado; dizem que hoje está muito difícil encontrar algum tipo de trabalho, até na lavoura está difícil, que hoje não dá só para o homem arcar com todas as despesas da casa sozinho. Mas, quando muitas mulheres foram indagadas se seus maridos as deixavam trabalhar fora de casa, a resposta foi não. Só poderiam trabalhar em alguma coisa que pudesse ser feita em casa mesmo.

Notou-se, também, muita satisfação e prazer quando as mulheres falam de suas atividades diárias; a maioria das entrevistadas não esconde que o serviço doméstico é difícil, cansativo, mas que dá muita satisfação quando chega no final do dia e está tudo arrumadinho.

Atualmente, elas trabalham de empregadas domésticas, na colheita do café, na horticultura, fabricação de queijos, corte de cabelo e uma é funcionária pública. A respeito do que consideram como sua profissão, só as empregadas domésticas se intitularam de “empregadas domésticas”, a funcionária pública de “funcionária” e as demais se intitularam “donas de casa” ou “do lar”.

Quando questionadas sobre as atividades remuneradas que exercem, só a funcionária pública e as empregadas domésticas consideraram trabalho como emprego; as demais não consideraram suas atividades domésticas como trabalho que gera renda, nem como atividade profissional. As mulheres que vendem pequenas criações e ovos nem se incluíram. Dizem que é muito pouco, que só dá para uma “ajudazinha”. Elas ajudam nas compras da casa (alimentos que não são produzidos na unidade familiar), objetos pessoais para elas e para a família, como roupas, sapatos e remédios, e, em muitos casos, repassam o dinheiro para seus maridos.

Ao perguntar às mulheres qual a diferença entre “trabalho”, “obrigação” e “ajuda”, uma das entrevistadas respondeu:

“Trabalho” é o que fazemos por amor. É a gente fazer o que a gente gosta de fazer. “Emprego” é aquilo que a gente faz por dinheiro. “Obrigação” é uma coisa que é pra gente fazer e se a gente não fizer não tem quem faça pela gente. “Ajuda” é quando há necessidade lá no trabalho dele, então, eu vou lá e dou uma mãozinha pra ele” (L.A.S.R, mulher, 23 anos)

Quase todas as mulheres entrevistadas ressaltaram bastante sua obrigação de esposa, mãe de família e dona de casa. É sua obrigação de esposa fazer as atividades domésticas, fazer o almoço, lavar a roupa e cuidar da casa para quando o marido chegar encontrar tudo limpinho e não ter do que reclamar, como é obrigação do marido colocar as coisas dentro de casa, desde a comida até os eletrodomésticos.

3.4 Trabalho de mulher e trabalho de homem

Quando se perguntou aos homens se suas mulheres trabalhavam, a resposta foi unânime: Sim! Suas mulheres trabalhavam em casa e as atividades desenvolvidas por elas eram difíceis. Todos reconheceram que o trabalho feminino é um trabalho cansativo, uma rotina, ele nunca acaba. Ele começa desde a hora em que a mulher se levanta e só pára quando ela vai se deitar. Quando foi perguntado o número de horas que suas mulheres trabalhavam por dia, eles respondiam: o dia todo.

Dos 10 homens entrevistados, 8 deles diferenciaram o trabalho da mulher do trabalho do homem, sendo o dela um trabalho mais “maneiro”, mais “leve”, diferente do trabalho do homem, que é um trabalho mais “bruto”, “rústico”, “pesado”. O dela seriam os afazeres domésticos, os cuidados com a casa, com as crianças e com o quintal. O trabalho feminino também inclui a “ajuda” na roça, na criação de pequenos animais e com a horta. Praticamente em todas as famílias esse serviço cabe à mulher e é dividido com as filhas. Todos reconheceram que, apesar de ser um trabalho mais leve, é um trabalho difícil, chato.

“O trabalho da mulher é um trabalho custoso. Todo dia ela faz a mesma coisa. É uma rotina, um trabalho muito chato que nunca acaba. O trabalho da mulher é mais difícil, ele exige menos força física. O do homem é mais pesado, mais rústico, mas eu não trocaria o meu serviço pelo dela, não” (E.S, homem, 72 anos).

Outros homens entrevistados acharam que hoje quase não existe diferença entre o trabalho dos dois, pois tudo que os homens fazem as mulheres também estão fazendo.

“Hoje em dia tá quase igual. Tem mulher motorista, caminhoneira, ela estuda e aprende. Tem mulher que trabalha no campo igual homem. Existe homem mais mole que mulher, tem hoje que esperar a mulher dar comida pra ele. O homem é que tem que lutar pela vida, eu não sei se é porque eu fui criado assim, lutando pela vida” (E.D.M, homem, 61 anos).

“Trabalho de homem e de mulher não tem diferença, tudo é trabalho. Tem trabalho que não tem como a mulher fazer, não, porque é um serviço muito pesado”.

Quando se perguntou às mulheres o que elas consideravam trabalho de mulher e trabalho de homem, as repostas ficaram bem divididas. Das entrevistadas, 8 responderam que, no campo, trabalho de homem e trabalho de mulher eram iguais, os dois trabalhavam juntos na roça, que a mulher fazia o mesmo serviço que o homem e que ela não trabalhava fora mas “ajudava” ele na roça.

“O trabalho do homem é diferente do trabalho da mulher porque eles não trabalham em casa. Mas muitos trabalhos do homem a gente faz, mas os que a gente faz ele não faz. A roupa é muito difícil e o homem não faz” (B.M.S, mulher, 44 anos).

“Na roça, quando tem serviço, nós fazemos o mesmo serviço que o homem faz. Agora, em casa, você sabe, né? Roupa, casa, cozinha, não tem descanso nem sábado e nem domingo. Os homens plantam, colhem, no tempo do café apanham café, fazem de tudo. Só que, em casa eles nunca fazem o nosso serviço; na roça a gente faz o deles, mas eles nunca” (S.A S, mulher, 42 anos).

O restante das mulheres respondeu que o trabalho da mulher é diferente do trabalho do homem. Algumas até reconheceram que existem mulheres que fazem o mesmo trabalho, mas o trabalho da mulher, o trabalho doméstico, é um trabalho mais “leve”, é “café com leite”, o do homem é fora de casa, na roça, é mais “pesado”, é um trabalho mais duro mais difícil de se fazer.

Nos depoimentos dos homens e de muitas mulheres, cabem à mulher e às filhas os serviços da casa, o cuidado com a educação dos filhos, com a horta e com a criação de pequenos animais, o trabalho “leve”. Aos homens cabe o trabalho considerado “produtivo”, o trabalho remunerado e o trabalho da roça, vistos como um trabalho “pesado”.

De modo geral, o homem não participa das atividades domésticas, como preparo de alimentos, lavagem de roupa, limpeza da casa ou fabricação de produtos caseiros para vender, queijo, manteiga, quitanda, e nem cuida dos pequenos animais. A mulher, além de desenvolver todas essas atividades, ainda realiza tarefas na roça, como plantar, colher ou apanhar café. Isso foi confirmado na maioria das famílias entrevistadas.

As atividades desenvolvidas pela mulher na roça são consideradas “ajuda” por este ser um espaço masculino, um trabalho dele. O mesmo acontece quando ele participa das atividades da horta, que é um espaço considerado feminino, e a presença do homem também vai representar uma “ajuda”.

Quase não existe participação do homem no serviço doméstico, o que era imediatamente justificado pelas mulheres como falta de tempo, pois ele trabalha fora e chega cansado. Alguns homens confessaram que, quando suas mulheres viajam, eles fazem o serviço, mas a maioria prefere acumular as tarefas e esperar pelo retorno delas. Apesar de se sentirem sobrecarregadas e de homens e mulheres reconhecerem que o serviço doméstico é cansativo, que se trabalha o dia todo e que nunca acaba, notou-se que elas próprias convivem com o preconceito de que “trabalho doméstico não é trabalho de homem”, o que reforça a divisão sexual do trabalho.

3.5 Rotina diária de trabalho da mulher

A mulher rural pesquisada tem uma jornada de trabalho bem maior que a dos demais membros da família. Ao se conversar com muitos agricultores familiares, percebe-se que nenhum deles começa ou termina sua jornada de trabalho antes de sua esposa. Quando ele chega do trabalho, toma banho, janta, assiste a televisão ou vai dormir. A mulher vai tirar a mesa do jantar, lavar a louça, arrumar a cozinha, e muitas já deixam o almoço encaminhado para o dia seguinte.

Suas atividades diárias começam antes de todos. Ela é quem primeiro levanta-se para preparar o café para a família; quando os demais membros da família levantam-se, o café já está servido. Em seguida, vai para o quintal cuidar dos pequenos animais e animais domésticos, depois vai para a horta e para o curral, onde participa do cuidado com as vacas. Volta para casa, arruma a casa e prepara o almoço. Depois do almoço, ela faz a limpeza da cozinha; aquelas que têm filhos em idade escolar ajudam os filhos nos deveres de casa e arrumam os menores para a escola e algumas ainda vão deixá-los e buscá-los na escola.

À tarde começa tudo novamente. Ela arruma a cozinha, cuida das criações, vai para a horta, passa roupa, tira um ou dois dias da semana para lavar a roupa, faz quitanda, queijo, doces e prepara a janta. À noite ela arruma a cozinha e é a última que se deita para dormir. Isso não quer dizer que essa é a rotina diária de todas as mulheres entrevistadas; é claro que vai variar um pouco de acordo com a necessidade de cada uma e com o tamanho da família.

Essas atividades não impedem que elas trabalhem na colheita do café como diaristas ou que, nos períodos de necessidade, depois de suas tarefas domésticas, se dirijam para as lavouras, onde vão desempenhar outra jornada de trabalho, colaborando na colheita do milho, café, feijão ou qualquer outra ocupação que se encontre sendo executada e precise de mais mão-de-obra. Segundo o depoimento de muitas mulheres, elas ainda encontram tempo para fazer crochê, costurar roupas para a família, fazer queijo ou doce para o consumo da família ou para o marido vender na cidade.

Todas as atividades desenvolvidas na unidade familiar que se referem à limpeza da casa, cozinha, lavar e passar roupas, o cuidado com os filhos, com sua higiene pessoal, suas tarefas

escolares, os cuidados com os arredores da casa, com as pequenas criações, animais domésticos, jardins e horta, são considerados femininos.

As mulheres desenvolvem várias tarefas no seu dia-a-dia, segundo a opinião de alguns agricultores familiares que foram entrevistados. As atividades domésticas são prioridade em termos de ocupação diária da mulher. Ela não pode abandonar as atividades domésticas em função de outros trabalhos, mas o que se percebe, depois de conversar com as mulheres entrevistadas, é que somente uma minoria dedica-se exclusivamente às atividades domésticas. A maioria das mulheres trabalha em outras atividades, inclusive na lavoura, junto com seus maridos.

Essa rotina de trabalho é desempenhada inclusive pelas mulheres idosas, que fazem de tudo um pouco e são muito importantes na unidade familiar. Mesmo depois de se aposentarem, continuam na ativa, lavam, passam, cozinham e cuidam das crianças. Só em caso de doença deixam o trabalho na lavoura, mas as atividades domésticas continuam. Foram encontradas mulheres mais idosas, com algum tipo de doença, que requerem repouso, desenvolvendo quase todas as atividades da casa.

4 Considerações finais

Torna-se necessário discutir a desigualdade de gênero a agricultura familiar. O trabalho doméstico não-remunerado das mulheres é bastante elástico. Em nome da eficiência e da produtividade, há uma transferência de custos para a economia não-remunerada porque não se contabilizam as contribuições não-pagas e a produção não-comercializada.

Desconsiderar o trabalho da mulher na agricultura é deixá-lo invisível, é ignorar a sua contribuição econômica na produção agrícola. A questão é eminentemente política: a não inclusão desse trabalho nos cálculos das contas nacionais contribui para a sua desvalorização e, assim, para a reprodução da política de exclusão das mulheres, e, no caso da agricultura familiar, não há o reconhecimento da própria casa como um espaço do trabalho produtivo e que também gera renda.

O desenvolvimento da agricultura familiar, a partir de uma abordagem de gênero, também tem um importante significado político-social, devendo se levar em conta os sujeitos envolvidos na unidade de produção familiar, como homens, mulheres e crianças, considerando os desejos e anseios de cada um. Se todos os membros da família têm uma função e um papel no processo produtivo, eles têm direito de tomar parte nas discussões e nos resultados. Por isso é preciso valorizar a importância das mulheres na agricultura familiar, construindo relações sociais de gênero mais igualitárias e mais solidárias.

A comunidade da Cachoeirinha é composta por agricultores que estão no local há muitos anos; predominam neste local as famílias pequenas, compostas de pai, mãe e filhos. As unidades familiares são pequenas, o que não fornece condições para as famílias suprirem suas necessidades e permite que o marido vá em busca de trabalho em outras unidades familiares ou em Lavras.

As mulheres dedicam-se intensamente a várias atividades de tipo doméstico, como a lida com o quintal, cuidados com a horta, pequenos animais, casa e filhos, e também das atividades produtivas nas roças. No entanto, essas atividades são entendidas como parte das obrigações femininas, ficando as mulheres subordinadas ao homem e à família.

As atividades que garantem o sustento da família resultam dos serviços de maridos e filhos; estes são considerados os principais, mesmo quando é a mulher que assume boa parte das despesas da família, é considerada secundária.

Algumas mulheres realizam atividades que geram renda, como trabalho de domésticas, na colheita do café ou na fabricação de queijos, enfrentando dupla jornada de trabalho. Todavia, no seu discurso, quem sustenta a casa é o marido, mesmo quando este não tem trabalho fixo e vive de

fazer “bicos”. Muitas mulheres ainda não reconhecem sua contribuição, tendendo a perpetuar sua subordinação.

5 Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, R. S. As relações de gênero na Confederação Nacional de trabalhadores Rurais (CONTAG). In: ROCHA, M. I. B. (Org.). **Trabalho e gênero**: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP – NEPO/UNICAMP – CEDEPLAR/UFMG, 2000.

CAMPILLO, F. **Capacitación institucional**: analisis de gênero aplicado al desarrollo agrícola y rural, 1993.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad econômica campesina**. Tradução de Rosa Maria Russovich. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

FARIA, N.; NOBRE, M. **Gênero e desigualdade**. São Paulo: SOF, 1997. (Cadernos Sempreviva).

GODOY, A. S. “Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais”. **Revista de administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

HERÉDIA, B. M. A. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário 2001**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2003.

NOBRE, M. Gênero e agricultura familiar a partir de muitas vozes. In: NOBRE, M.; SILIPRANDE, E.; MENASCHE, R. (Orgs.). **Gênero e agricultura familiar**. São Paulo: SOF, 1998. (Cadernos Sempreviva).

WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E. F. **O trabalho da terra**. Brasília: UNB, 1997.

ARTIGO

Recebido em: 05/03/04

Aprovado em: 18/05/04